

KADIDJA FERNANDES/AT



**ROGÉRIO GUEDES** diz que chega a faturar até R\$ 500 por dia com a venda de picolés. Durante o verão, ele sai de Vila Velha e vai até a Praia de Setiba, em Guarapari, com os seus produtos

A TRIBUNA COM VOCÊ EM ARIBIRI

# Morador do bairro faz sucesso nas praias

Conhecido como “Xuxa”, Rogério Guedes, 50, ficou famoso com a venda de picolés nas praias de Vila Velha e Guarapari

Lorena Costa

Ele é conhecido como “Xuxa” e faz sucesso no bairro Aribiri, em Vila Velha, onde mora, e nas praias por onde passa vendendo os seus picolés.

O vendedor ambulante Rogério Guedes, 50, conta que desde os 10 anos de idade, durante o verão, sai de Vila Velha e vai até a Praia de Setiba, em Guarapari, com os seus produtos. Por dia, segundo ele, chega a faturar até R\$ 500.

“Eu comecei a trabalhar na Ponta da Fruta, mas ficou muito peri-

goso. Já fui assaltado esperando o ônibus. Então resolvi investir em Guarapari. Eu adoro, porque lido com muitas famílias e crianças. Não tem banhista que vá a Setiba e não conheça o Xuxa”, disse.

Rogério contou que consegue falar rapidamente todos os sabores que vende, o que fez com que ficasse famoso na praia. Já o apelido, Xuxa, vem do seu cabelo, que era muito grande na época em que começou a trabalhar na praia.

“As crianças me apelidaram de Xuxa e pegou. Tem até vídeo meu na internet, é muito legal a recepção das pessoas. Tem gente que me liga de Minas Gerais dizendo que está vindo passar as férias e me pergunta se eu estarei na praia”, disse.

Já no inverno, o vendedor investe em peixes. Ele possui um grande frigorífico em casa, com os mais diversos tipos de pescado. “Tenho clientes de outras cidades que só

compram peixe comigo”.

Entre outras histórias que coleciona nas praias, Rogério Guedes conta que já salvou um pinguim, no ano de 2012, quando um banhista queria levar o animal para casa.

“Ele estava muito debilitado. Quando vi, liguei para o Corpo de Bombeiros e depois fiquei falando com o banhista para ele ter cuidado porque estava machucando ainda mais o animal”, lembrou.

## PASSADO

Sobre o bairro Aribiri, onde mora desde que nasceu, o vendedor diz que na época da sua infância era melhor. Apesar da falta de infraestrutura, ele afirma que não havia insegurança e nem poluição.

“A gente ia tomar banho no mangue. Tinha caranguejo, peixes. A água era limpinha. Hoje está tudo poluído. Drogas e violência também não existiam”, destacou.

## HISTÓRIA DO BAIRRO

### Aribiri tinha bonde

> A REGIÃO DE ARIBIRI já foi um quilombo de escravos, que, em 1910, foi transformado em povoado. O progresso começou com a instalação do bonde, em 1912, que ligava o centro de Vila Velha até o bairro de Paul.

> O BONDE era a mais rápida via de acesso para quem queria chegar a Vitória. Entre 1960 e 1970 foi construída a avenida Jerônimo Monteiro.

> O NOME — Aribiri — teria sido originado a partir do rio que corta o bairro. O termo indígena quer dizer baratinha ou barata d’água, inseto que fica em pedras próximas ao mar. Segundo os moradores, havia muitas dessas baratas perto do rio.

Fonte: Livro Vila Velha, Nosso Município.

## COMO FAZER CONTATO

### Sugira uma reportagem

Os moradores de Aribiri, em Vila Velha, podem reivindicar melhorias ou sugerir reportagens enviando um e-mail para [atcomvoce@redetribuna.com.br](mailto:atcomvoce@redetribuna.com.br). Quem é de outro bairro pode sugerir uma visita da reportagem de **A Tribuna Com Você** pelo mesmo e-mail.

## AS RECORDAÇÕES

LORENA COSTA



**HUMBERTO:** da feira para a loja

### Trabalho e dedicação

O comerciante aposentado Humberto José Klein, de 75 anos, saiu da cidade de Domingos Martins e foi para Aribiri, em Vila Velha, em 1966. Ele disse que começou vendendo polenta, pastel e asinha de frango na feira até conseguir adquirir seu próprio negócio.

“O bairro era areia pura. Trabalhei durante muitos anos na feira de Aribiri, que é a mais antiga de Vila Velha. Depois de muito trabalho, consegui comprar uma loja”, contou o comerciante.

KADIDJA FERNANDES/AT



**THEREZINHA:** “Aqui só tinha areia”

### Sem luz e água

A aposentada Therezinha Subtil Guedes, 81anos, é uma das moradoras mais antigas de Aribiri. Nasceu em um bairro vizinho e, em 1966, foi para o atual endereço. Ela lembrou que quando chegou não havia água encanada, energia elétrica e nem esgoto.

“Aqui só tinha areia. Luz era somente com lampião e para cozinhar feijão era um sufoco, porque demorava muito para amolecer com fogão a lenha. A melhor parte foi quando apareceram as tecnologias, como o fogão, luz, geladeira e panela de pressão. Mas, em compensação, acabou a paz. Antes a gente não tinha nada, mas tinha paz”.